



PALCO

JUIZ DE FORA, MAIO, 2009. ANO II. Nº 06

ANGELO BIGI MESTRE DA PINTURA DECORATIVA

Espalhadas por vários prédios históricos de Juiz de Fora, as pinturas de Angelo Bigi não passam despercebidas mesmo aos olhos menos atentos. Redescoberto e revalorizado com a reforma do Cine-Theatro Central, em 1996, Bigi realizou pinturas artísticas e ornamentais no antigo Banco de Crédito Real, na Associação Comercial, na antiga sede da Companhia Pantaleone Arcuri e em igrejas da região, como a Matriz de Matias Barbosa. Em pouco mais de três décadas, o artista imprimiu na cidade a beleza de sua arte.

Nascido na capital italiana, em 1887, Angelo Bigi iniciou seus estudos na Escola de Belas Artes de Roma. Aos 20 anos, aportou em São Paulo, mas logo se mudou para o Rio

Considerada a obra mais importante de Bigi, as pinturas decorativas do Cine-Theatro Central complementam de forma prodigiosa o grandioso projeto arquitetônico de Raphael Arcuri. A fachada simples e discreta se contrapõe ao trabalho de características neoclássicas, com a delicadeza de figuras míticas e paisagens oníricas. Bailarinos, ninfas e faunos ladeiam efígies de gênios da música, como Beethoven, Verdi e o brasileiro Carlos Gomes. Nessa empreitada, Angelo Bigi teve a colaboração de Heitor de Alencar, filho do romancista Gilberto de Alencar. Durante toda a execução do teto do Central, Heitor, ainda adolescente, auxiliou o artista também em outros trabalhos em igrejas nas cidades de Além



NESTA EDIÇÃO

JUIZ DE FORA
TRADIÇÃO EM
ARTES PLÁSTICAS

CENTRAL 80 ANOS
ORQUESTRA DE
SOPROS DE
MONTIGNY-EN-GOHELLE

MEMÓRIA
JOÃO GONÇALVES
CARRIÇO

ENTREVISTA
RITA LEE

MURILO MENDES
SEMINÁRIO E
EXPOSIÇÃO MARCAM
ANIVERSÁRIO DO POETA

de Janeiro, onde frequentou o Curso Livre de Paisagem e foi discípulo de Batista Costa. Nesta época, Juiz de Fora vivia um período de efervescência e prosperidade. Movido pelas oportunidades que a cidade prometia, o artista se instalou aqui logo após a Primeira Guerra e ornou grande parte dos suntuosos edifícios construídos pela Companhia Pantaleone Arcuri.

Além de espaço para realizar suas obras, Bigi encontrou em Juiz de Fora uma comunidade italiana que o aproximava de suas origens. Casou-se com uma também imigrante italiana e firmou na cidade suas raízes e uma longa parceria com o arquiteto Raphael Arcuri. Dessa associação surgiram patrimônios históricos como a Associação Comercial (1918) e a antiga sede da Companhia. Nestes prédios, além da requintada arquitetura, assentam-se pinturas ornamentais e murais – alguns não assinados, como as obras presentes na residência dos Arcuri.

Angelo Bigi não se limitou à pintura decorativa, dedicando-se também a retratos, ao ensino de desenho, à ilustração e à caricatura. Com esses dois últimos estilos, teve trabalhos publicados no *Diário Mercantil* e na revista humorística *Sarna*, além de ilustrar o livro *Cidade do sonho e da melancolia*, de Gilberto de Alencar. Cerca de 20 telas de autoria de Bigi estão em posse de sua família. O neto do artista, Aécio Bigi de Aquino, que possui duas destas obras (*Velho Fauno e Nu*), explica que as telas foram divididas entre os filhos após a morte da esposa de Angelo e não foram mais reunidas. "Parte da família reside no Rio de Janeiro e em Niterói; é difícil coletar material para expor esses quadros do meu avô que ficaram conosco", justifica Aécio Bigi.

Paraíba, Manhuaçu e Barbacena, por exemplo.

Bigi foi um dos artistas mais influentes e respeitados do grupo que fundou a Sociedade Belas Artes Antônio Parreiras. Essa agremiação tinha por meta reunir os artistas locais, difundir e aperfeiçoar as artes plásticas através do contato entre seus realizadores. A SBAAP foi precursora na promoção de exposições na cidade e desenvolvia um aprendizado da pintura sem cópias, de forma livre e a partir do natural. Artistas mais experientes como Bigi orientavam os jovens frequentadores. O italiano deixou inacabada a tela "Artistas da SBAAP" (1952) em que se retratou ao lado da "velha guarda" da Sociedade, entre eles Carlos Gonçalves, Américo Rodrigues e Silvío Aragão.

O artista participou de inúmeros salões e exposições no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, sendo agraciado com premiações no Salão Nacional de Belas Artes, em 1922, com o quadro *A Hora do Chá*, e novamente em 1924. Bigi foi homenageado postumamente com a medalha de ouro do Salão Oficial Municipal da SBAAP, em 1954. Além das pinturas parietais realizadas em Juiz de Fora e em cidades do interior do estado, deixou uma vasta obra de pinturas em cavalete, especialmente paisagens, alegorias, retratos e naturezas mortas. Obras relevantes também estão em Belo Horizonte – na capela do Palácio Cristo Rei, no Cine Brasil e no Museu Mineiro.





Décio Bracher, *Rua do Parreiras*, óleo s/papel, 1957



Jaime Aguiar, *Juiz de Fora*, Óleo s/tela/cucatex, 2006



Roberto Vieira, *No parque do Museu Mariana Procopio*, óleo s/tela, s/data

JUIZ DE FORA PINTURA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Quem visitou a exposição *Certidões do tempo* no Museu de Arte Murilo Mendes pôde perceber a importância da contribuição da pintura para a história e a consolidação da identidade cultural da cidade.

O conjunto de obras, em sintonia com a poética de Murilo Mendes, orientava o espectador, abrindo-lhe horizontes e possibilidades imaginárias para a construção do pensamento em relação ao tempo e ao espaço, apresentando-lhe, por intermédio do verbal e do não verbal, uma Juiz de Fora peculiar e até mesmo inusitada, formatada por traços, cores e palavras.

Além do resgate histórico, a mostra foi ponto de partida para várias outras reflexões envolvendo pintura, literatura e patrimônio cultural.

O elenco da exposição era formado por ícones de uma geração de pintores, artistas no seu sentido mais amplo. Não há como mantermos o olhar inerte diante das cores de Dnar, dos traços de Renato Stehling, da expressividade e arrojo técnico presentes nas obras da família Bracher e nas propostas inovadoras de Roberto Gil, nomes entre tantos outros que, com suas características próprias, fomentaram a “efervescência cultural” que diferenciava Juiz de Fora de outros centros, principalmente na segunda metade do século XX.

Esse grupo de artistas se reunia periodicamente, não só para a prática do ofício, mas também para discussões e troca de experiências. Inicialmente, um referencial para esses acontecimentos foi a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras. Posteriormente, na década de 60, o principal reduto intelectual da época passou a ser a Galeria Celina.

Grande parte da produção plástica desse momento histórico era comprometida com o cotidiano e as transformações sociais e arquitetônicas da urbe que pulsava e se expandia econômica e geograficamente.

Assim como podemos contabilizar perdas patrimoniais imobiliárias irreparáveis nas últimas décadas, lamentavelmente, em um curto período

de tempo, perdemos também alguns dos principais nomes dessa “pintura urbana”. Heitor de Alencar, Renato Stehling, Dnar Rocha, Jaime Aguiar, entre outros. Mestres que primavam por retratar, principalmente, a paisagem e a cidade em suas telas. Suas ausências nos privaram não de seus talentos artísticos, mas de suas opiniões e atitudes na luta para a preservação de nossa memória e identidade cultural. Cabe aqui também nos lembrarmos de Arlindo Daibert, que, por outros caminhos e fazendo uso de sua genialidade plástica e poética, projetava Juiz de Fora no cenário de vanguarda no Brasil e no exterior.

É sempre bom recordar que muitos desses artistas, juntamente com outros intelectuais, se dedicavam também a causas que iam muito além da própria pintura. A indignação da classe artística diante de absurdos como a demolição do conjunto arquitetônico do antigo Stella Matutina, nas décadas de 70 e 80, contribuiu significativamente para a consolidação de uma consciência cultural sobre a importância de nosso patrimônio artístico. Essa mobilização influenciou de maneira contundente a elaboração de leis e outras ações políticas voltadas para a preservação de nossa memória cultural.

A geração de pintores posterior ao grupo e aos acontecimentos acima citados vem desenvolvendo projetos isolados ou partiu em busca de novas formas de linguagens, tecendo um quadro em que as articulações e ideias coletivos nos parecem distantes, principalmente no campo da pintura. Tal postura repercute diretamente sobre a consciência individual em relação aos valores culturais. Valores estes primordiais para o exercício da sensibilidade e indispensáveis na formação de um cidadão participativo e conectado com seu tempo e a história.

Gerson Guedes
Artista plástico

CENTRAL 80 ANOS UMA NOITE MEMORÁVEL

Em noite histórica para o Cine-Theatro Central e Juiz de Fora, a apresentação da Orquestra de Sopros de Montigny-en-Gohelle, em 23 de abril passado, já é um dos grandes momentos do Central nestes seus 80 anos. Sob a batuta do maestro Olivier Dégardin, o grupo da região de Nord-Pas de Calais, norte da França, em sua primeira turnê fora da Europa, encantou e emocionou os presentes com um repertório variado e alegre, que incluiu animadas incursões pela música popular brasileira.

Com entrada franqueada ao público – e ingressos esgotados – a apresentação no Central contou com a participação especial da Orquestra Sinfônica do Centro Cultural Pró-Música. Realizado em comemoração ao aniversário do teatro, o evento representou também a abertura oficial do *Ano França-Brasil 2009 em Juiz de Fora*, idealizado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) através da Casa de Cultura, em parceria com a Aliança Francesa. A presença, na cidade, da centenária orquestra foi viabilizada com o patrocínio da UFJF, através da Pró-reitoria de Cultura e do Cine-Theatro Central e apoio do Centro Cultural Pró-Música.

Para sua turnê brasileira, a orquestra de sopros preparou um repertório composto por músicas tradicionais da cultura do norte da França e brasileiras como *Trem das onze*, de Adoniran Barbosa, e *Canção da América*, de Milton Nascimento e Fernando Brant. A versão dos franceses para a brasileira *Trem das onze*, cantada em português, surpreendeu o público do Central, que aplaudiu e acompanhou com entusiasmo. Quem perdeu este espetáculo teve ainda a chance de conferir a Orquestra de Montigny-en-Gohelle na Praça João Pessoa, bem à frente do teatro, em apresentação ao ar livre no dia 24.





MEMÓRIA CARRIÇO FILM

A primeira sessão de cinema de Minas Gerais aconteceu em 23 julho de 1897 no Teatro Juiz de Fora. Era o início da contribuição de Juiz de Fora para a história da sétima arte no Brasil. Anos antes, no dia 27 de julho de 1886, nascia aquele que viria a ser um dos pioneiros do cinema nacional, João Gonçalves Carriço, amante das artes, que se dedicou a documentar a vida da cidade.

Durante as décadas de 30, 40 e 50, Carriço registrou as manifestações populares, festas, carnaval, jogos de futebol e procissões – assuntos que focalizava em seus cinejornais. O cinejornal pode ser classificado como filme ou periódico sobre acontecimentos atuais, sem utilização de elementos de ficção. Até a primeira metade do século XX, o cinema era visto como simples entretenimento, não sendo ainda reconhecido como fonte documental. Hoje, obras como os cinejornais de Carriço passaram a ser valorizadas como fonte histórica, que visam à memória e contribuem para a noção de pertencimento da sociedade.

Considerado pelo também pioneiro Humberto Mauro como um dos mais sólidos pilares do cinema brasileiro, Carriço cedo já manifestava interesse pelo desenho e, logo depois, pela fotografia. Aos 16 anos, o desejo de morar no Rio de Janeiro se tornou realidade, e Carriço começou a trabalhar para o Cine Ideal, o mais importante do Rio, fazendo letreiros, tabuletas e cenários.

Com a morte de seu pai, o imigrante português Manoel Gonçalves Carriço, João Carriço volta a Juiz de Fora para assumir os negócios da família – uma funerária e uma empresa de carruagens que subsidiaram e o ajudaram a criar, em 1927, o Cine-Theatro Popular, na Avenida Getúlio Vargas. Construído para promover diversão barata a quem não podia ir às outras salas de cinema da cidade, o Cine Popular, que atraía principalmente operários, crianças e trabalhadores, exibiu, dois anos mais tarde, o primeiro cinejornal de Carriço, que inaugurou, em 1933, a *Carriço Film*.

A programação do Cine Popular era atualizada, coincidindo com os lançamentos no Rio. Havia, ainda, uma espécie de cinema ambulante, que percorria os bairros levando as produções em carro de bois, para exibições gratuitas ao ar livre – o Cinema Sereno, que sustentava a ideia de educação social do cinema em que Carriço acreditava.

Sob o slogan "Tudo vê, tudo sabe, tudo informa", a empresa, primeira a ter um laboratório cinematográfico em Minas Gerais, inicia sua

história com películas de 35mm, mudas. Em 1935, a *Carriço Film* passa a operar com som: eram cinejornais de cinco a sete minutos, que passavam ao gênero documental quando chegavam aos 15 minutos de duração, como o episódio da visita de Getúlio Vargas. Os acontecimentos registrados pelas lentes de Carriço contribuíram para a documentação da memória regional. A Zona da Mata Mineira foi contemplada em mais de mil cinejornais.

Na década de 50, Carriço doou seu acervo para a Prefeitura de Juiz de Fora – cerca de 500 filmes, que, em 1977, passaram a integrar o arquivo da Cinemateca Brasileira. Um incêndio em suas instalações reduziu o acervo para 246 cinejornais, guardados em condições adequadas de armazenamento da Cinemateca, em São Paulo.

Para o autor do livro *Cinejornalismo Brasileiro – uma visão através das lentes da Carriço Film*, Adriano Medeiros, Carriço não é importante apenas por seu pioneirismo nos cinejornais, mas por tê-los feito por três décadas ininterruptas. Medeiros lembra sua experimentação com a ficção, que a maioria desconhece: "Ele tinha a ideia de filmar a vida de Santos Dumont, por quem tinha grande admiração".

Carriço era admirável também como empreendedor, pois contava com seus próprios recursos para fazer seu trabalho, sem patrocínio político ou dos fazendeiros da época. "Seus filmes eram distribuídos nacionalmente e exibidos em várias cidades brasileiras. Ele detinha as mais avançadas tecnologias da época e chama a atenção porque era um realizador, porque acreditava na arte. Em um país como o nosso, se dedica à arte como ele fez merece um mérito muito grande", conta Medeiros.

Carriço morreu em 20 de junho de 1959, aos 72 anos. Seu enterro foi filmado por seu filho Manoel e se tornou o último cinejornal produzido pela *Carriço Film*, que fechou suas portas no mesmo ano. Com a ascensão da televisão no país, a produção dos cinejornais se extinguiu e o mercado brasileiro se encheu de produções internacionais e filmes de ficção. Em 1966, era a vez do Cine-Theatro Popular deixar de existir. Hoje, Carriço cede seu nome ao anfiteatro da Funalfa, que exhibe filmes gratuitamente para a população, e foi homenageado pelos Festivais do Cinema Brasileiro, em 1966 e 1967, que entregaram aos seus vencedores a *Placa de Prata João Gonçalves Carriço*.

GA

ENTREVISTA RITA LEE

Neste sábado, dia 9, a cantora Rita Lee traz ao Cine-Theatro Central o show *Pic Nic*. No repertório, clássicos como *Ovelha Negra*, *Lança Perfume* e *Doce Vampiro* relembram sua história. Em entrevista por e-mail ao *Palco*, Rita fala sobre música, trabalho e revela suas expectativas para a apresentação em Juiz de Fora.

Seu show, *Pic Nic*, é um apanhado de sucessos de toda a carreira. Como é olhar para trás e ver seu trabalho nos últimos 40 anos?

Certa vez alguém me disse que pareço com a Emília, do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, passando de geração em geração – e eu gosto dessa imagem. Demonstro um prazer transparente em trabalhar com música, e parece que as pessoas ficam felizes em passar algum tempo em minha companhia.

Que características a Rita madura conserva da jovem Rita, ainda na época dos Mutantes?

O nome de batismo (risos).

Seu marido, Roberto de Carvalho, e seu filho, Beto Lee, também tocam no show. Quais são as



vantagens e desvantagens da parceria familiar?

O salário família ficou bem mais substancial.

Como você analisa a produção musical brasileira hoje?

Parece que o planeta está bocejando em matéria de música. Mesmo assim, tem uma menina genial. A música brasileira não precisa de nada, porque ela tem talento suficiente.

Profissionalmente, há algo que você ainda não tenha feito e tenha vontade de fazer?

Gostaria de poder gravar um trabalho instrumental e de ter feito mais pontas em cinema.

O que espera do show em Juiz de Fora?

Apresentações em teatros são bem diferentes daquela feitas em estádios e ginásios. O som é melhor, e as pessoas assistem confortavelmente, sentadinhas, sem aquela anfetamina de soltar a franga como quando estão em pé.

GP

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.

(32) 3215-1400

www.theatrocentral.ufjf.br

02.05, 20h *Doce Deleite*, Camilo

Morgado e Reynaldo

Gianecchini

06.05, 21h *Minas de outros*

tons, Padre Fábio de Melo

09.05, 21h *Pic Nic*, Rita Lee

12.05, 20h30 *Giselle*, Ballet

Nacional de Cuba

FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1112

(32) 3215-3850

www.forumdacultura.ufjf.br

Terça a sexta: 14h às 20h30

MUSEU DE CULTURA

POPULAR

05.05 a 29.05 *Coroação de*

Nossa Senhora

GALERIA DE ARTE

Ilustrações

TEATRO

09.05 a 05.07 *A lira do*

encanto, Espetáculo de José Luiz

Ribeiro, Grupo de Divulgação,

Sábados e domingos às 16h45

MAMM

MUSEU DE ARTE

MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790

(32) 3229 9070

www.mam.ufjf.br

Terça a sexta: 10h às 18h

Sábados e domingos: 13 às 18h

12, 13, 14.05, das 16h às 20h

Seminário *Murilo Mendes:*

reflexões avulsas

EXPOSIÇÕES

08.05 *Abertura de Grafite:*

canonização da poética urbana.

Galeria Retratos-relâmpago

13.05 *O universo francês de*

Murilo Mendes. Galeria

Convergência

20.05 *Abertura de Nadar 35*

Capucines. Galeria Poliedro

DIÁLOGOS ABERTOS

05.05, 20h *Zé Kodak*

19.05, 20h *Tarcísio Delgado*

MUSICAMAMM

28.05, 20h *Breno Mendonça*

Sexteto

LEITURAS TEMÁTICAS

21.05, 19h Lançamento do livro

Ndzinji - A escola chamada

cavalo, de Paulo Guilhon

15.05, 19h Lançamento do livro

Tatuagens na alma, de Tarcísio

Delgado



Georges Braque, Sem título, litografia, s/ data



Fernand Léger, Sem título, litografia, 1953



Alfred Manessier, Sem título, litografia, s/ data

MURILO MENDES MÚLTIPLAS FACETAS

Em 2009, o "Ano da França no Brasil", o poeta juiz-forano Murilo Mendes completaria 108 anos de idade. O seminário "Murilo Mendes: Reflexões Avulsas", que acontecerá nos próximos dias 12, 13 e 14, e a exposição *O Universo Francês de Murilo Mendes*, com abertura marcada para 13 de maio – dia de seu aniversário –, compõem a programação do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) para celebrar a data e rever as ligações do poeta com a cultura francesa.

Para um dos sete pesquisadores convidados para apresentar o seminário, o professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Fernando Fiorese, Murilo Mendes e sua poética permanecem atuais. "Tanto a realização do evento quanto a existência de pessoas dispostas a integrá-lo e frequentá-lo são sinais de que a obra muriliana continua contemporânea".

A apresentação de Fiorese, intitulada "Murilo Mendes entre uma e outra Tróia: a metamorfose de Orfeu", abordará o livro *Siciliana*, escrito pelo poeta na década de 50, durante sua primeira estadia na Europa. "Pretendo demonstrar que é possível se surpreender com os 13 poemas dessa obra, produzida sob a tensão de uma Europa engendrada pelo autor no imaginário de suas leituras e a Europa real da época, ainda rubricada pelo terror da Segunda Guerra", sintetiza

Já a pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Maria Betânia Amoroso, tratará sobre "Murilo Mendes e a crítica italiana". "Investiguei o que havia sido escrito sobre ele durante os quase 20 anos em que morou na Itália e, após recolher esses textos, escritos em jornais e revistas, compus uma história dessas leituras", explica.

Para dialogar com a exposição, o professor José Marinho do Nascimento, do Centro Universitário Fundação Santo André (SP), abordará a relação entre Murilo Mendes e a língua francesa. "Refletirei sobre o sentido da produção em francês dentro da obra do poeta brasileiro", afirma. O pesquisador analisará os "Papiers" – textos de Murilo Mendes escritos originalmente em francês –, sobretudo a partir dos poemas.

Assim como Fiorese, Marinho do Nascimento entende que a discussão sobre o poeta contribui para o estudo do contexto no qual estamos inseridos. "Vida e obra de um autor não devem ser vistas numa relação direta de causa-consequência, mas certamente provocam um interessante e profícuo diálogo para a compreensão do mundo em que vivemos e para a visão que dele temos", avalia.

Ao longo dos três dias, o seminário revelará algumas das inúmeras facetas do polidêmico Murilo Mendes. As inscrições, que custam R\$ 20, vão até o dia 12 e podem ser feitas pela internet, no site www.mam.ufjf.br, ou pessoalmente, no próprio museu – localizado na rua Benjamin Constant, nº 790. O telefone para informações é (32) 3229-9070.

Posteriormente, os temas discutidos no evento darão origem a um livro, ocasião em que os participantes serão convocados para receber o certificado. O seminário é uma parceria da Pró-reitoria de Cultura da UFJF com o Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

INTERFACE COM A FRANÇA

No segundo dia de realização do seminário, será aberta a exposição "O Universo Francês de Murilo Mendes", na galeria



Convergência, no MAMM. Ao redor de todo o espaço será criada uma linha do tempo, que servirá de fio narrativo para retratar a trajetória de Murilo e o seu envolvimento com a cultura francesa – e de como ela permeia sua obra. Para tanto, serão expostos uma série de livros da biblioteca do poeta, além de exemplares de artes plásticas integrantes de seu acervo iconográfico.

Ao entrar na galeria, o visitante deparará com um painel alusivo ao início da vida de Murilo Mendes, ainda

estudante da Academia de Comércio de Juiz de Fora, na década de 10, quando ele já se destacava como excelente aluno de francês. "Ele se sobressaía tanto que precisava falar errado para não humilhar os colegas", comenta o curador da exposição, Aloísio Castro.

No livro *A idade do serrote*, publicado em 1968, o próprio Murilo descreve seus dois principais mestres de língua e literatura francesas: Louis André e Joaquim de Almeida Queirós. "O primeiro transmitiu-me os elementos básicos da língua, o segundo iniciou-me na literatura", escreveu. Enquanto André "(...) era um tanto severo de modos; gordo, voz de baixo profundo, espécie de prelado sem batina e mitra (...)", Queirós, "(...) homem 'racé', fino, era de estatura mediana, rosto espaçoso a dizer sim, cabelos grisalhos, olhos mansos escondidos por nasóculos; segurando-os uma larga fita de seda preta".

A linha do tempo prossegue fazendo uma homenagem a Apollinaire, autor clássico da literatura francesa, cuja obra Murilo Mendes lera ainda jovem, com 22 anos. Nesse ponto, serão expostos três livros dele com as famosas marginálias murilianas – anotações às margens que mostram o processo da gênese literária do poeta.

São as marginálias que conferem aos exemplares da biblioteca de Murilo a característica de obras raras. "Nelas, ele diseca o texto, destaca palavras, corrige, põe em dúvida, questiona, reflete sobre o tema", esclarece Castro.

Entre 1952 e 1956, o poeta viaja pela Europa em missão cultural. Nessa época, ele passa por Bélgica, Holanda, França – país no qual, em 1952, conhece André Breton, um dos principais expoentes do surrealismo.

A partir desse ponto, a linha do tempo exibirá não apenas exemplares raros da biblioteca de Murilo, como também passagens de textos críticos que ele escreveu sobre outros intelectuais. Breton, Camus, Pierre Jean Jouve, René Char, Baudelaire, Rimbaud... O autor dedicou-se a escrever sobre grandes nomes, muitos dos quais estarão presentes na exposição.

No interior da galeria, haverá obras de artistas originárias da Escola de Paris, revelando a estreita ligação de Murilo Mendes com as artes plásticas. "Ele começou a escrever para esses teóricos e a ganhar deles obras de arte. Quando ele conheceu René Char, por exemplo, ganhou uma gravura de Braque", relata Castro.

Além de Braque, Picasso, Georges Rouault, Singier, Manessier, Vasalry e Léger ilustram a exposição "Universo Francês de Murilo Mendes", que ficará em cartaz até setembro no MAMM.